

# PEDRO JUAN GUTIÉRREZ

Entrevistado por Maria Augusta Silva

JULHO 2003

Nasceu em Cuba (1950). Escritor. Jornalista. Pintor. Figura polémica pelo estilo de narrativa em que o sexo comanda os destinos das personagens e dos livros. Mas o autor diz que não é assim: «O sexo não domina a minha literatura nem nenhuma outra.» Em Portugal saíram: *Trilogia Suja de Havana, O Rei de Havana e Animal Tropical*. Para breve: *El Insaciable Hombre Araña*; depois, *Carne de Perro*, todos já editados em Espanha. Um autor que não é publicado no seu país; porém, encontra sempre editores «cúmplices». E leitores também. Longe vão os tempos da criança a vender gelados e jornais e a cortar cana-de-açúcar.

**Que papel pode ter uma literatura porno como a que passa pelos seus livros?**

A minha literatura não passa por porno, nunca.

**Não lhe falta uma narrativa na qual se dá uma ditadura do sexo...**

A literatura porno utiliza o sexo pelo sexo sem nenhum outro interesse. A meu ver, tenho uma escrita integral, coerente, na qual o sexo faz parte da vida, é um elemento natural da vida tal como a música, a alegria, a religião.

**Explora-o obcecadamente. Uma forma de ser cáustico para com uma sociedade oprimida como a de Cuba onde nasceu?**

Não. O sexo não domina a minha literatura nem nenhuma outra. Cada leitor faz a sua própria leitura. Há quem veja nos meus livros muita política, há quem veja muito sexo, há quem veja antropologia, há quem veja jornalismo. Julgo ser uma literatura em que se mistura religião, sexo, música, a vida. Crio uma forma realista, deixo-me levar pela vida.

**Jornalista. Escritor. Enquanto escritor considera-se sobretudo um repórter da vida?**

O jornalismo tem uma condição *sine qua non*: tudo o que um jornalista escreve deve ser verdade e objetivo.

**A prostituição, a corrupção, a degradação do ser humano não são realidades-verdades que leva para os livros?**

São circunstâncias que me rodeiam e utilizo e manipulo em forma de literatura. Não me interessa que seja jornalismo ou antropologia, não me interessa retratar a sociedade ou a realidade do povo cubano. Colho situações de determinadas pessoas e com isso trabalho a novela.

**Que lugar lhe está reservado em Cuba onde vive mas sem ver os seus livros publicados lá?**

Sou cubano e tenho todo o direito a viver em Cuba, assim como um português tem todo o direito a viver em Portugal. Nos EUA também não querem publicar *O Rei de Havana*.

**Porquê?**

Porque ilustra a vida de um homem pobre que vive na rua; a última possibilidade de um ser humano é viver na rua: editaram, no entanto, *Trilogia Suja de Havana* e venderam imenso. Não sou um escritor fácil, mas, por sorte, sempre encontro editores que se convertem em meus cúmplices; estou a publicar com êxito em 16 países, nomeadamente em Espanha, Brasil, França,

Inglaterra.

**Espera a qualquer momento que, no seu país, o considerem definitivamente um «escritor maldito» e possa ser expatriado?**

Expatriado? A minha pátria é a minha pátria. Agora, «escritor maldito», sim. Vivo em Havana um pouco como um fantasma. Para a Feira do Livro de Havana publicaram, em Fevereiro, uma pequena edição de *Animal Tropical*. Penso que, pouco a pouco, irão publicando, em Cuba, os meus outros títulos.

**Por que foge constantemente às questões políticas?**

Dediquei-me muito à política; participei intensamente no momento revolucionário. A partir daí, senti-me defraudado pela política e desconcertado com os políticos. Parece-me, hoje, que a política é o mais sujo que o ser humano inventou. Tomei a decisão de ignorar a política.

**É-lhe mais cómodo?**

Uma posição sábia: nem contra nem a favor. Espero que os políticos me ignorem também e nos respeitemos assim mutuamente.

**Como sentiu os recentes fuzilamentos numa Cuba de Fidel?**

A perguntas políticas diretas nunca respondo.

**Por medo?**

Por serenidade.

**Os seres humanos não lhe interessam?**

Se amanhã o Governo de Cuba for outro, continuarei a dizer: não me interessa a política.

**E os direitos humanos?**

São fundamentais. Há que lutar por eles em toda a parte do mundo.

**Quando não são respeitados, isso não o indigna?**

Indigna, mas não se pode derrubar o muro só com uma mão.

**Se cada um bater muito, o muro não poderá cair?**

Destroça-te a mão e o muro continua duro.

**Como vive um criativo num país sem liberdade de expressão?**

Aprende a viver, vou sobrevivendo. Tenho a sorte de ser escritor e viajar.

**O castrismo está para durar?**

Essa é uma pergunta irrespondível porque ninguém sabe até quando...

**Tem havido intelectuais dissidentes do regime cubano que se exilam...**

Cada um toma as suas decisões. Eu tomo a minha, que é a de viver em Cuba com quatro filhos, mulher e mãe. Tenho casa própria, a escrita, uma matéria-prima que conheço: Cuba e a vida do cubano.

**Diz que não lhe interessa retratar a sociedade cubana. Em que ficamos? Incoerente?**

Não há incoerência. Utilizo a matéria-prima que me rodeia para criar o meu próprio universo, a minha ficção. A literatura é, antes de tudo, um exercício de pensamento e de reflexão mas não a partir de uma abstração. Não sou abstrato. Estou certo de que Homero quando criou a *Ilíada* ou a *Odisseia* partiu de coisas reais.

**Está a referir obras clássicas que se tornaram intemporais...**

A literatura deve ser uma atividade universal e intemporal, por isso terá de eliminar qualquer circunstância imediata, como a política, que a possa colocar num determinado momento. Há referências políticas diretas em Dostoievski ou em Homero? Um escritor procura sempre a universalidade e a intemporalidade.

**A linha literária que tem adotado terá futuro ou os seus livros correspondem a um vazio das sociedades atuais em que o sexo preenche as pessoas o seu aspeto mais animalesco?**

Um escritor nunca é inocente. Tem uma intenção. A minha é a de fazer literatura que dure o mais possível e, acima de tudo, combata tabus e ilumine zonas de silêncio nas sociedades. Em algumas, por exemplo, é o sexo, noutras o racismo. Procuo essa tal universalidade e intemporalidade. Julgo que os meus livros, daqui a 50 anos, poderão continuar a ler-se seja na Finlândia, no Japão ou na China.

**O que ganha com os livros fora de Cuba dá-lhe para viver confortavelmente?**

Se vivesse na Europa não chegaria. Em Cuba dá-me para viver tranquilamente.

**A sua mulher e filhos leem os seus livros?**

E a minha mãe também, só depois de publicados. Enquanto escrevo, mantenho segredo, escrevo no meu estúdio.

**Nunca teve uma crítica contundente da família?**

Especialmente do meu filho; as raparigas compreendem-me melhor. O meu filho diz-me: *Olha, isto é ridículo*. Respondo-lhe: *Escreve tu*.

**Tem um universo temático e uma construção de texto de certo modo próxima de Henry Miller. Uma referência?**

Não me interessam os livros de Henry Miller, com um estilo demasiado denso; também dizem que tenho uma escrita parecida com a de Bukowski e não creio, ele é muito pessimista, triste e repetitivo. Terei mais influências de Truman Capote, de Hemingway ou Dos Passos.

**Ao escrever como escreve faz algum ajuste de contas com possíveis traumas de infância ou adolescência?**

Tive uma infância e juventude de uma intensidade tremenda. Vivíamos numa casa muito pequena. O meu pai criou-me, e ao meu irmão, com muito trabalho. Saíamos da escola às quatro da tarde e íamos vender para a rua até às nove da noite. Foi positivo para mim conhecer e lidar com tanta gente.

### **Prazer e desespero, os dois gumes da sua escrita?**

A minha vida sempre se moveu dessa maneira, entre prazer e desespero. Às vezes penso que estou destinado a viver duas vidas; há na minha família diferentes níveis económicos. Tinha um tio rico que vivia em Havana.

### **Em termos culturais quais os seus grandes interesses?**

Uma arte e uma literatura que não sejam conservadoras. Uma arte transgressora, reivindicativa; que não tenha medo de romper barreiras e fronteiras.

### **Rompeu muitas barreiras?**

Não me preocupa se vendo dez ou 40 mil exemplares na Alemanha ou noutro país. Gosto mais de me deixar absorver pelo meu trabalho criativo.

### **Pôde abandonar, sem preocupações financeiras, o jornalismo, área em que trabalhou mais de 20 anos em Cuba?**

Não fui eu que o abandonei. Arranjaram um pretexto administrativo qualquer para me afastarem.

### **Pensa «abrir» novo ciclo literário?**

O da «trilogia» é irrepetível. E não premedito nem a vida nem a literatura.

### **Marginal ou rebelde?**

Um pouco das duas coisas. Gosto de viver na periferia da cidade; e rebelde fui sempre, uma forma mais produtiva de viver.

### **É capaz de ternura?**

Sou um homem eminentemente terno. Há, porém, fases da vida em que nos tornamos agressivos. Quando escrevi *Trilogia Suja de Havana* estava a atravessar uma fase de crise pessoal muito forte, de muita fúria, e a literatura funcionou como catarse.

### **Qual o lugar do amor?**

O ser humano deve ter duas características fundamentais: amor e compaixão. No mundo já existe muita crueldade, ódio e intolerância.

**O modo como trata o sexo nos livros não será, também, uma violência?**

Em *Animal Tropical* existe um homem já mais tranquilo, que está a entrar na serenidade. Cada uma das nossas décadas vai marcando mas os 50 anos dão mais sabedoria.

**Também pinta. Para a pintura, para as suas telas, leva igualmente «realismo sujo»?**

Vou mesclando fragmentos que recolho nas ruas. Mas é algo mais secreto e íntimo. Quero dedicar-me à minha literatura, à minha pintura e à minha família.

**É feliz?**

A felicidade é um caminho que vamos fazendo todos os dias. Nunca se encontra.

**Procura ser um sedutor?**

Procuro, não, penso que sou.

**Um provocador?**

Definitivamente.